

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE ANGRA DOS REIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DAYANE FERNANDES BARCELLOS DA SILVA**

**A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR:  
algumas reflexões importantes**

**ANGRA DOS REIS**

**2023**

**DAYANE FERNANDES BARCELLOS DA SILVA**

**A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR:  
algumas reflexões importantes**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Angra dos Reis, como requisito parcial à obtenção do certificado de conclusão da Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvana Matos Uhmman

Angra dos Reis, RJ

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BIAR  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586d Silva, Dayane Fernandes Barcellos da  
A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR: :  
algumas reflexões importantes / Dayane Fernandes Barcellos da  
Silva. - 2023.  
23 f.

Orientador: Silvana Matos Uhmman.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade  
Federal Fluminense, Instituto de Educação de Angra dos Reis,  
Angra dos Reis, 2023.

1. Inclusão escolar. 2. Libras. 3. Aprendizagem. 4.  
Produção intelectual. I. Uhmman, Silvana Matos, orientadora.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Educação  
de Angra dos Reis. III. Título.

CDD - XXX

**DAYANE FERNANDES BARCELLOS DA SILVA**

**A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR:  
algumas reflexões importantes**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Angra dos Reis, como requisito parcial à obtenção do certificado de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Silvana Matos Uhmman - UFF-IEAR - ORIENTADORA

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Alves - UFF-IEAR - PARECERISTA

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Onete Lopes Ferreira - UFF-IEAR - PARECERISTA

**Angra dos Reis, RJ**

**2023**

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou refletir sobre a disciplina de Libras obrigatória nos cursos de Licenciatura de uma Universidade Pública do Estado do Rio de Janeiro a partir da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Como objetivos específicos, teve-se: a) realizar estudos teóricos sobre o tema de pesquisa; b) realizar pesquisa de campo em uma unidade de uma Universidade pública do estado do Rio de Janeiro no intuito de perceber o tema de pesquisa na prática; c) destacar algumas reflexões referente aos aspectos legais e realidade da universitária sobre a inserção/prática da Libras no espaço do Ensino Superior. Optou-se pela seguinte pergunta de pesquisa: o que pensam os alunos que frequentam o espaço do ensino superior sobre a disciplina de Libras? Para isso, metodologicamente, optou-se pela organização e disponibilização de um questionário aos estudantes que frequentam ou frequentaram a disciplina, a fim de saber suas experiências acadêmicas com a Libras e o que pensam sobre o assunto relacionando-a com os aspectos legais da Lei de Libras. Como resultados, foi possível perceber as limitações que a disciplina (que se divide em questões teóricas e prática da língua) apresenta em nível de tempo limitado, bem como a necessidade de, por este mesmo motivo, ser busca constante pelos estudantes/futuros professores que desejam contribuir para qualificar a inclusão de alunos surdos.

**Palavras-chave:** inclusão escolar, Libras, aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This Course Completion Work (TCC) sought to reflect on the subject of Libras obligatory in the Degree courses of a Public University of the State of Rio de Janeiro from the Law N° 10.436, of April 24, 2002. As specific objectives, it had to: a) carry out theoretical studies on the research topic; b) carry out field research in a unit of a public university in the state of Rio de Janeiro in order to understand the research topic in practice; c) highlight points and counterpoints of the legal aspects and reality of university students regarding the insertion/practice of Libras in Higher Education. The following research question was chosen: what do students who attend higher education think about Libras? For this, methodologically, it was decided to organize and make available a questionnaire to students who attend or have attended the discipline, in order to find out about their academic experiences with Libras and what they think about the subject, relating it to the legal aspects of the Law. of Pounds. As a result, it was possible to perceive the limitations that the discipline (which is divided into theoretical issues and language practice) presents at a limited time level, as well as the need, for this same reason, to be a constant search for students/future teachers who wish to contribute to qualifying the inclusion of deaf students.

**Keywords:** inclusion school, Libras, learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) .....</b>	<b>9</b>
<b>3 REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>11</b>
<b>4 PERGUNTAS, RESPOSTAS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>5 REFLEXÕES SOBRE AS REPOSTAS .....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A área da Educação Especial sempre despertou muito interesse em minha vida, a iniciar pelo fato de ter um primo com Síndrome de Down e, depois, ao participar de um projeto voltado para a área de Libras (Língua Brasileira de Sinais), denominado ‘Mãos que cantam’ no Instituto de Educação de Angra dos Reis (Iear) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Este último fato, despertou meu interesse em específico pela Educação dos Surdos.

No projeto a professora responsável, Silvana Uhmman, traduzia as músicas do português escrito transcritas para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, com isso, fazíamos ensaios e apresentações. Era uma ótima forma de aprender o vocabulário, pois havia interações com os demais participantes do projeto a partir do método diferenciado de estudo que acabava despertando interesse, pelo menos em alguns, de se aprofundarem cada vez mais na Língua de Sinais – tanto quem fazia parte do projeto quanto aqueles que estavam assistindo ficavam admirados.

A aproximação com a Libras despertou-me a consciência de que a comunicação é a maior barreira que temos, uma vez que os surdos enfrentam muitas dificuldades pois possuem uma língua minoritária que ainda poucas pessoas ouvintes conhecem. Embora compreenda que este fato perpassa diferentes espaços sociais, pretendo abordar a disseminação da Libras nas universidades, pois muitos graduandos (até mesmo de pedagogia) podem ainda não se interessar pelo tema ou mesmo desconsiderar sua importância.

Tanto no ambiente social quanto escolar não estamos acostumados a ver graduandos se interessando por Libras ou sua atuação caso venham a ter um aluno surdo – mesmo sabendo que a comunicação entre professor e aluno é de extrema importância. A Libras é a segunda Língua oficial do Brasil e, este motivo, torna imprescindível problematizarmos como esta vem sendo abordada, sobretudo no espaço da universidade. Segundo a Lei nº 10.436 (de 24 de abril de 2002) em seu Artigo 1º há o destaque: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002, p.1). Isso legitima a comunicação para além da majoritária oralidade, sendo necessário que os sujeitos se interessem e busquem aprender mesmo que minimamente essa língua e o que ela representa.

Ao entender que o espaço da universidade precisa corresponder com uma formação de qualidade, uma vez que se envolve com a formação acadêmica desses sujeitos que futuramente irão atuar em diferentes espaços da sociedade, a Libras precisa nela fazer parte, seja através de



disciplinas, cursos, formações, entre outros. Tendo como base esses entendimentos, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: o que pensam os alunos que frequentam o espaço do ensino superior sobre a disciplina de Libras? Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo geral: refletir sobre a disciplina de Libras obrigatória nos cursos de Licenciatura de uma Universidade Pública do Estado do Rio de Janeiro a partir da Lei Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Como objetivos específicos, tem-se: a) realizar estudos teóricos sobre o tema de pesquisa; b) realizar pesquisa de campo em uma unidade de uma Universidade pública do estado do Rio de Janeiro no intuito de perceber o tema de pesquisa na prática; c) destacar algumas reflexões referentes aos aspectos legais e realidade da universitária sobre a inserção/prática da Libras no espaço do Ensino Superior.

Para isso, metodologicamente, esta pesquisa será realizada no Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF), a qual possui atualmente disciplina obrigatória de Libras de 60 horas para os cursos de Pedagogia e Geografia. A fim de conhecer e refletir sobre essa realidade, optou-se pela organização e disponibilização de um questionário (GIL, 2011) aos estudantes que frequentam ou frequentaram a disciplina, a fim de saber suas experiências acadêmicas com a Libras e o que pensam sobre o assunto relacionando-a com os aspectos legais da Lei de Libras. O questionário tem caráter no objetivo de entender e dar possibilidade para a visualização de diferentes perspectivas sobre o tema. O questionário será organizado em parceria entre a aluna pesquisadora e a professora orientadora, disponibilizado via online pela aluna pesquisadora, que também, após o prazo de cinco dias de ampla divulgação e possibilidade voluntária de participação, irá juntar os resultados e problematizá-los no decorrer desta pesquisa. As perguntas terão caráter anônimo e serão disponibilizadas a partir de um link online em grupos de WhatsApp e Redes Sociais coletivas em que estudantes do lócus de pesquisa fazem parte.

Para tanto, além desta introdução, essa pesquisa é dividida em duas partes: a primeira faz levantamentos teóricos sobre o tema em questão e a segunda, apresenta o questionário e suas respostas, seguido de suas problematizações possíveis. A partir disso, buscar-se-á apresentar as contribuições desta pesquisa para o campo da educação, para a área da surdez e para a Libras no espaço do Ensino Superior.

## **2 REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, fez com que o Brasil reconhecesse a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a Língua das comunidades surdas brasileiras. Contudo, infelizmente, tal Lei ainda é pouco efetivada perante a sociedade brasileira. Tal fato ocorre por questões sociais como por exemplo o preconceito, que perdura até os dias de hoje, e a falta de conhecimento sobre o tema, afinal muitas pessoas ainda não têm acesso a essas informações e muitas outras são ignorantes perante o assunto.

A Libras utiliza o canal gestual-visual e distingue-se das línguas orais, as quais são utilizadas tendo como referência o canal oral-auditivo. Esta é uma forma de comunicação que é considerada Língua, pois possui sua própria estrutura gramatical, regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas.

Em 1960 o linguista William Stokoe comprovou que a língua de sinais tinha todos os critérios linguísticos de uma língua oral, logo o fato da língua brasileira de sinais ter gramática própria se deve a Stokoe.

A estrutura gramatical da língua de sinais consiste em três parâmetros primários, sendo eles: a configuração de mãos (CM), o ponto de articulação (PA) e o movimento (M); e três parâmetros secundários, sendo eles: expressão facial e/ou corporal, orientação da(s) palma(s) da(s) mão(s) e direcionalidade.

A Libras é a Língua natural dos surdos e apesar de sua história conturbada, da qual passou por um período que chegou a ser proibida, hoje em dia já é reconhecida como Língua. Dentro desse processo de inclusão tivemos outras duas abordagens educacionais antes de chegarmos ao bilinguismo.

A primeira abordagem foi o oralismo, consistia em fazer os surdos aprenderem a língua oral em detrimento da língua de sinais, aprendendo a falar e a ler os lábios para se comunicarem com os ouvintes. O oralismo pode gerar prejuízos para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social dos surdos, pois os priva do acesso a sua língua natural; a segunda abordagem foi a comunicação total, surgiu como resposta às limitações do oralismo e consistia em fazer os surdos aprenderem a língua de sinais como primeira língua, mas ainda sendo ensinado, também, a leitura labial e língua oral de forma complementar; por fim chegamos a abordagem atual que é o bilinguismo, ele promove o uso de duas línguas: a língua materna dos surdos, no caso dos brasileiros a Libras, e a língua da comunidade ouvinte de forma escrita.

A presente Lei comentada neste artigo diz que deve ocorrer o acesso e a inclusão de

peças surdas à educação. Tal Lei foi publicada em abril de 2002 e no Artigo 1º (BRASIL, 2002, p.1) diz: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”.

Ainda diz no parágrafo único do Art. 1º (BRASIL, 2002, p.1): “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”.

Sendo assim, com as informações apresentadas até o presente momento, podemos ver que a Libras tem as características necessárias para ser considerada uma língua e que a inclusão é um direito que está garantido na lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e deve ser cumprido.

### **3 REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR**

Apesar da Lei ter sido oficializada em abril de 2002, a mesma só foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005, pelo Decreto de nº. 5.626/05 que estabelece a inclusão de Libras como disciplina curricular no ensino público e privado, e sistemas de ensino estaduais, municipais e federais (Cap.II, art. 3º). Também garantiu a presença de intérpretes em sala de aula.

O decreto nº 5.626/2005 é dividido em nove capítulos, irei comentar o capítulo II que fala especificamente sobre a inclusão de Libras como disciplina curricular, que corresponde ao assunto apresentado neste trabalho. Segundo o Art. 3º (BRASIL, 2005, p. 1):

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Apesar de já ter sido um grande avanço para a comunidade surda, sabemos que não é suficiente porque uma única disciplina de Libras não ensina vocabulário suficiente para que possamos nos comunicar de forma razoável com um possível aluno surdo, fora que a falta de prática pode fazer com que a gente perca a habilidade de falar em língua de sinais. Contudo, deveríamos ter o acesso a Libras desde a educação básica, colocando em prática o bilinguismo não só para os surdos, mas para os ouvintes também.

O capítulo primeiro deste artigo (BRASIL, 2005, p. 1) diz que:

Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Entretanto, apesar desses cursos serem considerados cursos que nos capacitam para o exercício do magistério, podemos dizer que na realidade somente nos capacitam para exercer essa função para a comunidade ouvinte, contrariando o que diz a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que garante o direito à inclusão.

Durante meu curso de pedagogia tive uma única matéria de Libras de 50h, considero que ela não pôde me oferecer nem mesmo o básico para me habilitar a dar aula para um possível aluno com surdez e criar, com ele, uma relação justa quando comparada a que poderei criar com o aluno ouvinte.

Já o segundo parágrafo do mesmo artigo (BRASIL, 2005, p. 1) diz: "A Libras constituir-

se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.”. Entretanto, ao meu ver, jamais poderia ser uma disciplina optativa independente de qual curso seja, pois a Libras é nossa segunda língua oficial e por isso todos deveríamos praticar o bilinguismo, tornando a Libras uma matéria obrigatória desde a alfabetização.

Entretanto, há uma falta de capacitação dos professores no que diz respeito à Libras. Muitos estudantes e profissionais já formados não consideram a língua como algo atrativo e que se vá fazer necessário, visto que hoje em dia podemos ter a presença de um intérprete.

Isso faz com que eu crie um debate comigo mesma sobre como a falta de comunicação entre professor ouvinte e aluno surdo vai influenciar no processo de formação desse estudante, principalmente quando falamos da primeira infância. Afinal, a comunicação precede o ato de pensar por ser fundamental para a evolução intelectual e pensamento da criança.

Se quando falamos de falta de comunicação com adultos já é um assunto difícil, com crianças, que ainda nem sabem como se expressar, acaba sendo pior. Infelizmente, a Libras não é uma língua muito popularizada, o que faz com que os brasileiros que são surdos se sintam estrangeiros dentro do próprio país.

Por outro lado, se os surdos podem vivenciar barreiras para sua comunicação, de outra, muitos ouvintes podem encontrar dificuldade para desenvolver uma comunicação satisfatória – o que contribui para a permanência de um grande hiato entre surdos e ouvintes. No caso específico do ensino superior, apesar de termos a disciplina de Libras obrigatoriamente na grade curricular, muitas vezes devido a carga horária, pode-se pensar na aprendizagem de conhecimentos básicos e, se não seguir treinando e aprimorando no restante do curso, pode ocasionar perda da prática e, com isso, esquecimento do conhecimento que havia sido adquirido.

Particularmente eu sempre tive um interesse muito grande na Língua Brasileira de Sinais, sempre foi algo que encheu meus olhos e me encantou. A grande questão é que, assim como muitos, a minha curiosidade e vontade nunca foram suficientes para fazer com que eu dedicasse meu tempo para aprender a nova língua. Sendo assim, até o momento, continuo sendo mais uma futura pedagoga da qual sinto não ter formação qualificada suficientemente para conseguir me dedicar a um estudante surdo da mesma forma que a um estudante ouvinte.

Acredito que os estudantes e os profissionais já atuantes nas áreas de licenciatura não têm um conhecimento da Libras por falta de motivação, por isso a criação de projetos nas faculdades são uma ideia muito atrativa. Quando entrei no projeto “Mãos que Cantam” fui

estimulada a praticar e a aprender, de forma mais descontraída, as palavras das letras das músicas, fazendo com que, a partir disso, eu conseguisse formular minhas próprias frases. Mas isso é suficiente? Pensar sobre essas questões torna-se essencial para formação de futuros pedagogos conscientes de sua atuação inclusiva e de igualdade de qualidade a todos os alunos – o que inclui, obviamente, alunos surdos.

A partir daqui, é importante refletir sobre os cursos de licenciatura “Como área formadora de futuros professores, precisamos considerar a educação de surdos como território de diálogos, de conhecimento e aprendizagem” (UHMANN, 2019, p. 10) de forma a unir esses três pilares e trabalhá-los de maneira fluida, sem os estereótipos que criamos sobre como devemos nos relacionar com os surdos, sem agir como se o ouvinte tivesse alguma superioridade, mas sim tratar tudo de uma forma natural, respeitando e compreendendo as diferenças das identidades culturais.

Além disso (UHMANN, 2019, p. 10):

Investir em entrelugares é afastar-se dos binarismos normalidade/anormalidade, ouvinte/surdez, já tão demarcados, e proporcionar um território ‘fértil’ para pensar alternativas de “novas perspectivas de compreensão das diferenças e das identidades culturais nas práticas educativas” (FLEURI, 2006, p.512). É possibilitar aos futuros pedagogos outras formas de entender os surdos, a surdez, sua cultura e identidade. É qualificar-se como profissional da educação disposto a fazer a diferença.

Ao meu ver isso diz muito sobre a importância da matéria de Libras nas universidades, pois ela nos permite ter discussões sobre os estereótipos já existentes entre os surdos e os ouvintes. Tais debates podem nos fazer diminuir essa diferença na forma como vemos os surdos e passar a tratar todos de forma igualitária, mas reconhecendo e respeitando as diferenças existentes. Assim iremos criar um ambiente propício para pensar novas alternativas para inclusão e qualificando os profissionais da área de licenciatura a de fato quererem fazer parte da mudança, do processo para que consigamos incluir os alunos com surdez e termos com eles uma relação adequada quando comparada a relação que podemos vir a ter com o aluno ouvinte.

#### **4 PERGUNTAS, RESPOSTAS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

A primeira pergunta realizada foi “o que para você é a LIBRAS?”, pois acho válido saber a relação pessoal de cada um com o tema. Por exemplo, para mim a Libras não é uma simples língua, por mais que eu não me comunique através dela, eu admiro muito toda a trajetória de luta que a comunidade e os apoiadores tiveram para conseguir que a língua conseguisse o reconhecimento que tem hoje. A Libras pode até significar “Língua Brasileira de Sinais”, mas, para mim, Libras significa força, luta e conquista.

As respostas obtidas na pesquisa foram:

Resposta 1: A língua brasileira de sinais. Uma das línguas oficiais do Brasil.

Resposta 2: Libras pra mim é cultura e comunicação.

Resposta 3: Línguas de sinais.

Resposta 4: Inclusão e respeito.

Respostas 5: É a segunda língua mais utilizada!

Resposta 6: É considerada uma língua que possui linguagem e comunicação de sinais próprios e que podem modificar dependendo da região ou país. Usada pela comunidade surda e hoje vem ganhando mais destaque e reconhecimento.

Podemos ver que somente a resposta de número seis se aprofundou mais na mensagem que queria passar e, ainda assim, denominou linguagem para a Libras que deve ser compreendida como uma língua. Pode-se perceber que ainda é necessário discutir mais sobre o tema.

Meu segundo questionamento foi referente ao contato com essa língua dentro do espaço da universidade. Novamente as respostas foram breves:

Resposta 1: Sim. Através da disciplina de Libras.

Resposta 2: Somente na disciplina de Libras.

Resposta 3: Sim, na disciplina.

Resposta 4: Nas aulas.

Resposta 5: Sim. Tendo aula um semestre, mas fiquei com vontade de aprender mais.

Resposta 6: Sim, através das aulas de Libras, mas também tive anteriormente com intérpretes quando fui tutora e em sala tínhamos surdos, também tenho amigos intérpretes, faço cursos livres e tento conhecer um pouquinho mais.

Fica muito perceptível que das seis respostas há somente uma da qual os argumentos apresentam maior número de informações. A maioria destaca a disciplina de Libras na

universidade como seu contato com a Libras e, a última resposta, destaca maiores vivências com a Libras. É possível a partir das respostas refletir o quanto as experiências que envolvam essa língua são ainda restritas para a maioria das pessoas.

No questionamento seguinte pedi para que fosse destacado alguns pontos positivos da experiência de cada um com a Libras, as respostas foram:

Resposta 1: Conhecer/aprender os sinais para me comunicar com pessoas que também se comunicam através da Libras.

Compreender e ter o contato com um pouco da realidade das pessoas surdas ou com baixa audição.

Resposta 2: Foi uma experiência de enriquecimento pessoal, em que pude ver e entender como a Libras é uma língua como qualquer outra. E que em diversos aspectos o seu conhecimento é ganho social enorme.

Resposta 3: Abre seu olhar para algo que você nem imaginava conhecer.

Resposta 4: É amplo e aplicável dentro e fora da escola, no profissional e pessoal.

Resposta 5: Aprendi a iniciar uma conversa em libras.

Resposta 6: Através dos intérpretes de libras, tive a oportunidade de conhecer um pouco da língua, ver as pessoas se comunicando sem barreiras e sendo entendidas. Me despertou uma grande paixão em aprender embora eu ache extremamente difícil.

Exceto a resposta número seis, todas as outras foram genéricas. A resposta de número três diz “Abre seu olhar para algo que você nem imaginava conhecer.”, mas o que seria esse “algo”, a pessoa não explicou ou exemplificou. Já a resposta número quatro diz: “É amplo e aplicável dentro e fora da escola, no profissional e pessoal.”. Mas como esse é um ponto positivo da sua (autor da resposta) experiência com a Libras? O que isso beneficia a você (autor da resposta)? São questões que poderiam qualificar as respostas e trazer mais elementos de reflexões.

A quarta pergunta solicitou às pessoas participantes da pesquisa alguns pontos negativos de sua experiência com a Libras, como resposta obtive:

Resposta 1: Não ter como praticar por mais tempo para que possamos aplicar numa situação real.

Resposta 2: O meu ponto negativo não é sobre a Língua de Sinais Brasileira, mas de como o currículo faça com que ela seja usada e falada em escolas ou universidades, o que dificulta o acesso de pessoas surdas nesses espaços.

Resposta 3: Ponto negativo é que língua de sinais não é bem vista no Brasil.



Resposta 4: Não aplicável.

Resposta 5: Gostaria de aprender a utilizar a linguagem de libras fluentemente.

Resposta 6: Como disse, acho extremamente difícil a aprendizagem, me enrolo toda e não é todo lugar que ensina, há muita coisa na internet e em universo públicas como na UFRJ onde fiz uma oficina gratuita. Ainda acho o acesso a língua difícil e nem todo lugar disponibiliza intérprete para o surdo ser inserido.

Todas as respostas remetem para a necessidade de mais contato com a Libras, seja pessoal ou por meio de espaços escolares. Como consequência, percebe-se a dificuldade relatada pelas pessoas pesquisadas com a fluência da língua, fazendo com que sua prática seja cada vez mais distante.

Por fim, pedi para que deixassem uma mensagem como ouvinte sobre o assunto:

Resposta 1: Gostaria muito de ter a oportunidade de aprender de fato a Libras, pois como uma das línguas oficiais do Brasil deveria ser obrigatório o ensino dessa língua nas escolas para uma sociedade mais inclusiva. De fato, a Libras é importante para os não ouvintes, mas também oferece vantagens e possibilidades aos que são ouvintes.

Resposta 2: Acho que devemos tentar sempre buscar maneiras de nos aprimorar nas Libras e que sinto falta de locais em que essa Língua seja mais difundida para que assim possamos nos aprimorar e possibilitar que pessoas surdas estejam cada vez mais inseridas em diversos espaços.

Resposta 3: Valorize a Libras.

Resposta 4: É fundamental que ouvintes aprendam a se comunicar com não ouvintes e não ao contrário.

Resposta 5: Poderíamos aprender um pouco mais sobre a linguagem de sinais e levar para nossa vida esse aprendizado.

Resposta 6: Poderíamos ter mais acesso a língua, oficinas até na uff e formações mais completas e gratuitas, já tentei fazer, mas para mim ainda é caro e não consigo fazer algo que verdadeiramente eu irei aprender e me tornar uma pessoa que se comunica em Libras.

O que mais me chamou atenção, nessas últimas respostas, foi o início da escrita pelo autor dois, que diz: “Acho que devemos tentar sempre buscar maneiras de nos aprimorar nas Libras”. Essa frase conseguiu captar melhor minha atenção porque, ao meu ver, exprime uma necessidade exprimida por toda a pesquisa: a Libras precisa “aparecer” mais, fazer parte dos espaços escolares, sociais, ser tema de discussões e práticas entre as pessoas, sendo elas surdas ou não. Só assim essa língua poderá ser cada vez mais conhecida e desmistificada.

Esse último questionamento só reforçou a questão de sabermos que devemos nos aprimorar na Libras, mas nunca tornarmos esse aprimoramento uma prioridade. Isso me faz refletir sobre como serão os futuros profissionais “capacitados” à frente da proposta inclusiva. Assim como destaca a resposta 1: “a Libras é importante para os não ouvintes [surdos], mas também oferece vantagens e possibilidades aos que são ouvintes”. Com isso, finalizo destacando a resposta 3: “Valorize a Libras” – só assim será possível construir uma nova realidade.

## 5 REFLEXÕES SOBRE AS REPOSTAS

Podemos perceber alguns pontos de acordo com as respostas descritas acima: muitos alunos não têm um conhecimento mais aprofundado sobre a Libras. Isso ocorre, em grande parte, porque durante nosso curso não temos horas de aulas suficientes para estudar a complexidade que tem tal assunto (assim, claro, como outros temas e disciplinas).

Mas no caso da disciplina de Libras, como consequência da carga horária insuficiente, os alunos acabam podendo, inclusive, ter conhecimentos errôneos sobre a Libras, como por exemplo “a resposta número 5 da pergunta 4”, que diz: “Gostaria de aprender a utilizar a linguagem de Libras fluentemente” e nos mostra que para tal estudante não ficou esclarecido que a Libras cumpre os critérios para ser considerada uma língua – e não linguagem.

Isso nos mostra que a Libras muitas vezes pode não ter o reconhecimento necessário dos estudantes de licenciatura em condicionar seu tempo para buscar fixar os conhecimentos abordados durante a disciplina, visto que deveriam ter um conhecimento muito mais amplo sobre o assunto, pois essas questões vão influenciar diretamente na inclusão escolar de alunos surdos usuários dessa língua. Costa e Lacerda (2012, p. 760) dizem que:

Nesse contexto, há um movimento para o reconhecimento da importância da Libras no processo de educação dos surdos e busca-se levar os futuros professores (alunos de licenciaturas) a conhecer em alguma medida essa língua, procurando favorecer o atendimento educacional que prestarão aos alunos surdos. A implementação da disciplina de Libras nos cursos de licenciaturas pode fortalecer a inclusão escolar desses alunos.

Colocando em questão as ideias citadas pelos autores, faz problematizar o futuro da inclusão e as suas dificuldades. Afinal, os relatos dos próprios alunos pesquisados apontam para a desvalorização da Libras, que não é somente ocasionada pelos estudantes, mas muitas vezes também pelas instituições de ensino.

A questão da falta de valorização das línguas de sinais é uma questão histórica. Como já foi abordado neste trabalho, a Libras passou por fases extremamente conturbadas, chegando até mesmo a ser proibida em 1880 durante o Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão, na Itália. Esse e outros fatos fizeram com que as línguas de sinais fossem marginalizadas e a surdez ser caracterizada como uma doença. Somente em 1960, com a publicação do linguista William Stokoe – já foi apresentado no trabalho a partir da comprovação de que as línguas de sinais tinham todos os critérios linguísticos de uma língua oral, mas apenas

se desenvolvia numa modalidade diferente: visual gestual. Assim, essa visão que a sociedade havia construído sobre os surdos começou a ser modificada.

Apesar das grandes evoluções em relação ao preconceito que os ouvintes tinham em relação aos surdos, ainda existe um grande preconceito estrutural que nos faz desvalorizar sua língua e sempre colocar a culpa em terceiros para não aprendermos a nos comunicar através da Libras – daí a necessidade destacar alguns contrapontos.

Como diz a resposta número um da quarta pergunta realizada na pesquisa: “Não ter como praticar por mais tempo para que possamos aplicar numa situação real”. Essa resposta é só mais um exemplo de como nós, enquanto sociedade, não dedicamos nosso tempo para aprender algo com tanta importância e sempre colocamos outras coisas na frente. Isso é apenas um exemplo do preconceito estrutural que é instalado na sociedade, pois esta pesquisa aponta que sim, há como praticar por mais tempo, só que precisa haver dedicação, interesse e disposição. Dedicamos nosso tempo para o que julgamos ser importante. Então, a pergunta que ecoa: o quanto a Libras é importante?

Outro ponto que merece ser problematizado é o que diz respeito ao interesse e disposição dos professores e futuros atuantes da área, não bastando simplesmente dominar a língua, é necessária uma aula atrativa, com uma metodologia adequada, para um bom aproveitamento não só dos alunos surdos, mas dos alunos ouvintes também. Pode-se então seguir para as seguintes ideias (LACERDA, SANTOS, CAETANO, 2014, p. 191):

Apesar de não ser esperado o domínio da língua de sinais pelo professor regente, tarefa esta que seria reservada ao intérprete, não se pode negar que um aprofundamento em Libras é de grande proveito para que o professor possa auxiliar o aluno surdo na compreensão dos conteúdos. Contudo, não basta apenas dominar a língua se não existir uma metodologia adequada para apoiar o que se está explanando, o que incide na necessidade de formação de futuros professores que saibam elaborar boas aulas – visualmente claras e que facilitem a atuação do intérprete e a compreensão do aluno surdo. Esse tipo de formação só tem a contribuir com o aprendizado dos alunos, sejam eles surdos ou ouvintes; uma boa apresentação de slides, por exemplo, é fundamental para alunos ouvintes, e para os alunos surdos esse recurso pode se tornar essencial.

Como já informado, esse preconceito estrutural também ocorre quando falamos de uma instituição, como as universidades. A matéria de Libras, além de muitas vezes não ser valorizada como outras tradicionalmente e historicamente instauradas, por vezes apresenta carga horária inferior que as demais disciplinas. Precisa-se desenvolver mais reflexões neste sentido a fim de qualificar os entendimentos e espaços da Libras nos espaços de formação, uma vez que se os professores têm o conhecimento da língua eles irão contribuir não só para inclusão

escolar como, também, para a inclusão social porque (ROSSETO, RIBEIRO, ZINI, 2018, p. 95 e 96):

É importante que futuros professores tenham consciência da singularidade linguística dos alunos surdos, pois conforme aponta Vigotski (2000) as funções cognitivas e comunicativas envolvidas na linguagem das crianças tornam-se a base para as formas superiores do pensamento. No mesmo sentido, Dizeu e Caporali (2005) destacam que é por meio da linguagem que o ser humano se desenvolve e constrói as relações com os outros que estão a sua volta. Contudo, a mesma língua que inclui um indivíduo no convívio social também pode excluí-lo, considerando que as relações que buscará estabelecer dependem dela.

Apesar de existirem respostas que nos fazem perceber a falta de conhecimento sobre o assunto, há também respostas como a número quatro do último questionamento realizado na pesquisa, que diz: “É fundamental que ouvintes aprendam a se comunicar com não ouvintes e não ao contrário.”. Tal apontamento nos dá uma perspectiva positiva, pois mostra que existem sim estudantes com uma noção do panorama da inclusão.

Contudo, podemos dizer que as respostas oferecidas aos questionamentos ofertados aos alunos dos cursos de licenciatura da UFF - IEAR nos mostram que não adianta somente as universidades mudarem suas grades curriculares, precisa, também, partir de cada aluno o interesse e a disposição para buscarem estudar o tema. Afinal, somente ter as aulas em uma disciplina obrigatória não fará com que o aluno tenha conhecimento suficiente, devendo, então, haver uma mistura de aulas mais busca pessoal fora do contexto institucional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral: refletir sobre a disciplina de Libras obrigatória nos cursos de Licenciatura de uma Universidade Pública do Estado do Rio de Janeiro a partir da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Esta Lei aponta a obrigatoriedade de a disciplina acontecer em cursos de formação de professores uma vez que serão estes que estarão à frente da realidade e ensino escolar.

Não se espera que os estudantes sejam a partir de uma disciplina de Libras obrigatória fluentes em Libras, mas que saibam basicamente sobre essa língua, bem como as discussões que envolvem os alunos surdos ou a didática para conduzir o ensino na perspectiva bilíngue.

Como objetivos específicos, essa pesquisa teve: a) realizar estudos teóricos sobre o tema de pesquisa – o que aconteceu durante o desenvolver da pesquisa; b) realizar pesquisa de campo em uma unidade de uma Universidade pública do estado do Rio de Janeiro no intuito de perceber o tema de pesquisa na prática – a elaboração, disseminação e organização das respostas dos alunos que participaram de forma voluntária; c) destacar algumas reflexões importantes sobre a inserção/prática da Libras no espaço do Ensino Superior – sendo possível perceber as limitações que a disciplina (que divide-se em questões teóricas e prática da língua) apresenta em nível de tempo limitado, bem como a necessidade de, por este mesmo motivo, ser busca constante pelos estudantes/futuros professores que desejam contribuir para qualificar a inclusão de alunos surdos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 200 p  
Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos Edufscar, 2013.

BRASIL. Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.

COSTA, Otávio Santos; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A implementação da disciplina de Libras no contexto dos cursos de licenciatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.** v.10, n. esp., 2012. p. 760.

LACERDA, C.; SANTOS, L.; CAETANO, J. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos.** 2014.

ROSSETTO, E.; ZINI, R.; RIBEIRO, E. G. A disciplina de libras em cursos de licenciatura em educação física. **Revista Sinalizar,** Goiânia, v. 3, n. 2, p. 87–101, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/55101>. Acesso em: 17 maio. 2023.

UHMANN, S. M. Discussões no espaço do Ensino Superior sobre a Educação de Surdos: o que as licenciaturas têm a ver com isso? **Formação humana, prática pedagógicas e educação inclusiva.** 1ed.Campinas, SP: Pontes, 2019, v. 1, p. 245-262.